

ONDE GEOLOGIA E DIALECTOLOGIA SE ENCONTRAM

Suzana Alice Marcelino Cardoso*

O título deste trabalho é obscuro e provocativo. Provocativo porque deliberadamente põe em confronto uma ciência da matéria, que lida com as rochas e os solos, os minerais e os cristais - a Geologia - e outra de caráter eminentemente social, que se fundamenta na produção verbal do homem e discute a sua variação no tempo, no espaço e nos contextos socioculturais - a Dialectologia. Obscuro porque admite um "casamento" entre dois ramos do conhecimento aparentemente distanciados. Se o obscurantismo não é recomendado, a provocação é sempre estimulante e benéfica (quando bem intencionada!) e se justifica neste breve artigo por se intentar mostrar, de maneira prática, a interrelação entre as ciências, mesmo entre aqueles saberes sem vinculação explícita, deixando-se claro o caráter de complementariedade que entre eles se pode encontrar e estabelecer.

Declarada a intenção, passo à substância das considerações. Procuro, com base nos resultados cartografados em dois atlas lingüísticos brasileiros - o *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*¹ e o *Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)*² -, mostrar a contribuição que o saber popular pode fornecer ao conhecimento sistemático, cientificamente construído. Parto, para tanto, do exame de designações para *tipos de terreno* ocorrentes na Bahia e em Sergipe e da descrição que os informantes apresentam para cada uma delas.

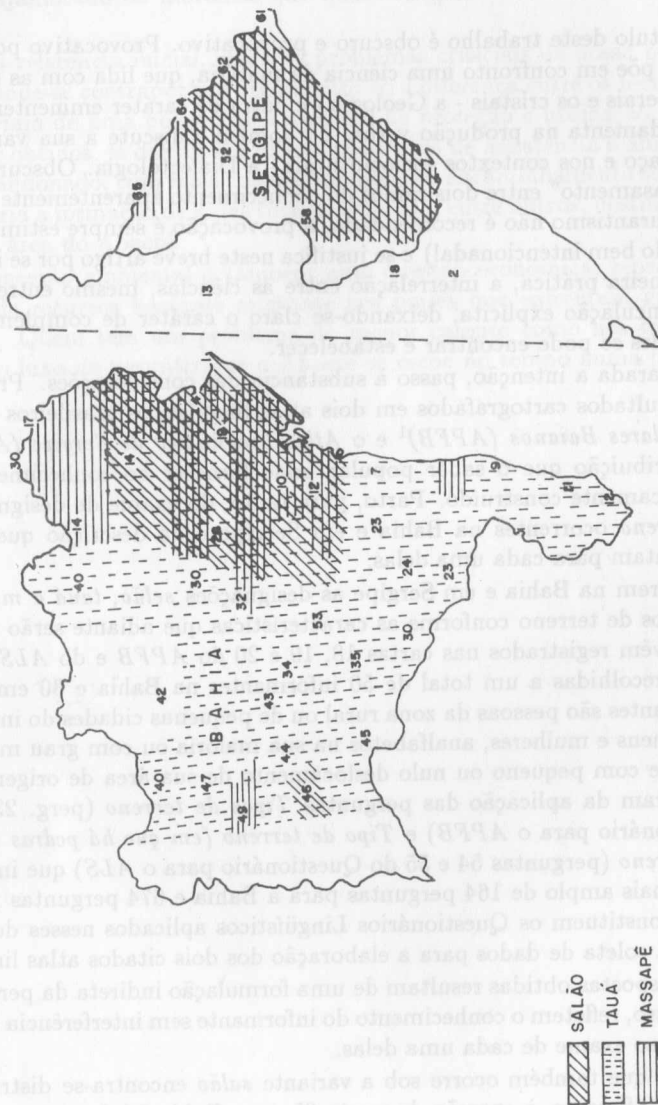
Ocorrem na Bahia e em Sergipe as designações *selão*, *tauá* e *massapê* para certos tipos de terreno conforme as características que adiante serão fornecidas. Tais dados vêm registrados nas cartas 18, 19 e 20 do *APFB* e do *ALS* (ver mapa 1) e foram recolhidas a um total de 50 informantes na Bahia e 30 em Sergipe. Esses informantes são pessoas da zona rural ou de pequenas cidades do interior (ver mapa 2), homens e mulheres, analfabetos na sua maioria ou com grau mínimo de escolaridade e com pequeno ou nulo deslocamento de sua área de origem. As respostas resultaram da aplicação das perguntas *Tipos de terreno* (perg. 23 do Extrato de Questionário para o *APFB*) e *Tipo de terreno (em que há pedras miúdas)* e *Tipos de Terreno* (perguntas 54 e 55 do Questionário para o *ALS*) que integram um conjunto mais amplo de 164 perguntas para a Bahia e 674 perguntas para Sergipe, as quais constituem os Questionários Lingüísticos aplicados nesses dois Estados com vistas à coleta de dados para a elaboração dos dois citados atlas lingüísticos.

As respostas obtidas resultam de uma formulação indireta da pergunta específica e, por isso, refletem o conhecimento do informante sem interferência do entrevistado. Vamos ao exame de cada uma delas.

Selão que também ocorre sob a variante *salão* encontra-se distribuída por toda a área de Sergipe, à exceção do ponto 65, e na Bahia foi documentada no Nordeste do Estado, com uma ocorrência única ao Oeste (ponto 48). O Dicionário da Língua

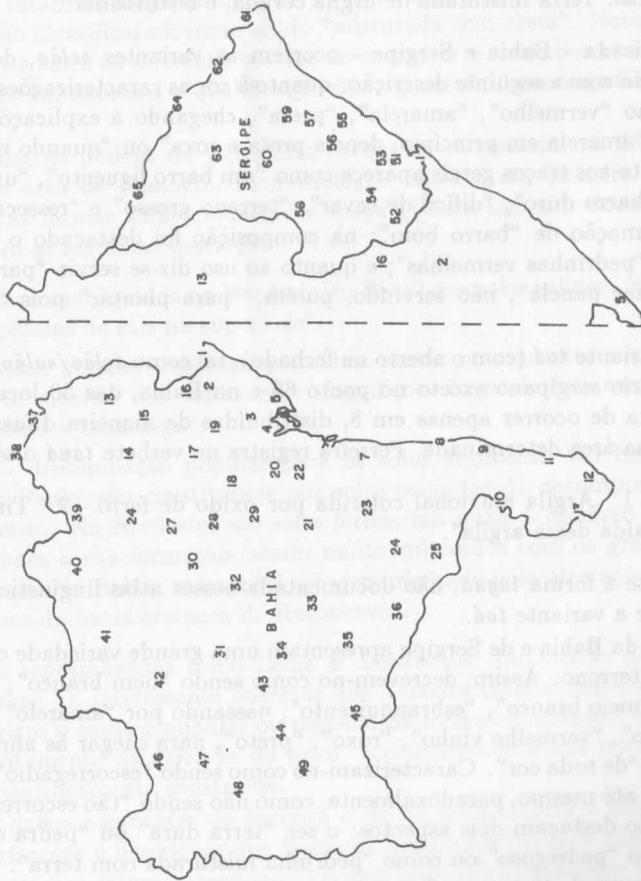
*Professora do Instituto de Letras da UFBA.

M A P A - 1
TIPOS DE TERRENO: SALÃO, TAUÁ, MASSAPÉ
(Reprodução dos dados constantes das Cartas 18, 19 e 20 do APFB e do ALS)



MAPA - 2

BAHIA e SERGIPE - Localidades inquiridas para o APFB e o ALS



1. Abadia, 2. Apoiá, 3. Rio Fundo, 4. Santiago do Iguape, 5. Abrantes, 6. Verno Bojopé, 7. Faisqueira, 8. Postim do Sul, 9. Santa Cruz Cabralia, 10. Barrocas, 11. Prado, 12. Mucuri, 13. Jeremoabo, 14. Monte Santo, 15. Mirandela, 16. Vila Velha, 17. Conceição do Califé, 18. Ipirá, 19. Água Fria, 20. Pedra Branca, 21. Maracá, 22. Jiquiriçá, 23. Boa Nova, 24. Vitória da Conquista, 25. Encruzilhada, 26. Campo Formoso, 27. Jacobina, 28. Mundo Novo, 29. Itaberaba, 30. Morro do Chapéu, 31. Brotas de Macaúbas, 32. Itapiporanga, 33. Mato Grosso, 34. Macaúbas, 35. Cairifé, 36. Condeúba, 37. Redeias, 38. Pambu, 39. Carnaíba do Serião, 40. Santo Af. 41. Píldo Aracão, 42. Barra, 43. Paratinga, 44. Santana, 45. Carimuhina, 46. Ibipebuá, 47. Tagua, 48. Correntino, 49. São Desidério, 50. Ibrantem, 51. Santa Luzia, 52. Tomar do Gerú, 53. Estância, 54. Padrinhas, 55. São Cristóvão, 56. Itapiranga, 57. Laranjeiras, 58. Simão Dias, 59. Divina Pastora, 60. Ribeirópolis, 61. Brejo Grande, 62. Propriá, 63. Nossa Senhora do Albriz, 64. Caruru, 65. Curralinho.

Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira³ não registra a primeira dessas variantes - *selão* - e no verbete *salão* assim se manifesta:

"1. Terreno arenoso ou barrento; solão. 2. Fundo arenoso cheio de limo. 3. Bras. Terreno impermeável por causa de uma camada pedregosa. 4. Bras. AM e AC. Baixo de argila vermelha e dura, a qual ruindo de uma escarpa talhada a pique sobre os rios, se deposita no leito destes, ocasionando problemas à navegação. 5. Bras. PE. Fundo do mar, ou do rio, duro e de areia fina. 6. Bras. Terreno duro e que preserva a umidade por muito tempo. 7. Bras. Terra misturada de argila corada, e fertilíssima".

Na área pesquisada - Bahia e Sergipe - ocorrem as variantes *selão*, de forma majoritária, e *salão* com a seguinte descrição: quanto à cor as caracterizações variam do "terra alva" ao "vermelho", "amarela", "preta", chegando a explicações mais completas como "amarela em princípio, depois preta e roxa" ou "quando molhada empretece"; quanto aos traços gerais aparece como "um barro liguento", "um barro visguento", "um barro duro", "difícil de cavar", "terreno grosso" e "ressecado" ou descrita pela afirmação de "barro bom"; na composição foi destacado o fato de conter "areia" e "pedrinhas vermelhas"; e quanto ao uso diz-se servir "para tapar casa" e para "fazer panela", não servindo, porém, "para plantar" pois "não dá (floresce) nada".

Tauá e a sua variante *toá* (com o aberto ou fechado), tal como *selão/salão*, ocorre em todo o território sergipano exceto no ponto 65 e na Bahia, das 50 localidades investigadas, deixa de ocorrer apenas em 8, distribuídas de maneira difusa e não concentradas numa área determinada. Ferreira registra no verbete *tauá* o seguinte:

"S.M. Bras. 1. Argila aluvional colorida por óxido de ferro. 2. Tinta amarela extraída dessa argila".

e dá como variante a forma *taguá*, não documentada nesses atlas lingüísticos, deixando de registrar a variante *toá*.

Os informantes da Bahia e de Sergipe apresentam uma grande variedade de cores para esse tipo de terreno. Assim, decrevem-no como sendo "bem branco", "alvo", "da cor do cal", "meio branco", "esbranquiçado", passando por "amarelo", "amarelo", "vermelho", "vermelho vinho", "roxo", "preto", para chegar às afirmações "de várias cores", "de toda cor". Caracterizam-no como sendo "escorregadio", "barro duro demais" e até mesmo, paradoxalmente, como não sendo "tão escorregadio". Na sua composição destacam dois aspectos: o ser "terra dura" ou "pedra dura" e apresentar-se como "pedregoso" ou como "pedrinha misturada com terra". No seu uso foi dito que "serve de tinta para louça (=cerâmica)", "serve para revestir forno de (fazer) farinha", "tinturar casa", além de ser propício a "todo tipo de plantação".

Massapé está documentada em todo o Estado de Sergipe, exceto no ponto 61, e na Bahia distribui-se pelo Nordeste e Centro-Leste do Estado, registrando-se, ainda, em pontos esparsos, um no extremo Oeste (ponto 49) e um outro mais ao Sudeste (ponto 8). Ferreira registra a forma como brasileiro e nas seguintes acepções:

“1. Bras. N e NE. Terra argilosa de SE e BA, formada pela decomposição de calcáreos cretáceos, preta quase sempre, e ótima para a cultura de cana-de-açúcar. 2. Bras. S. Solo argiloso proveniente de alteração intempérica de rocha graníticas e gnáissicas”.

o *massapé* é descrito pelos informantes como sendo “um barro preto”, ou “vermelho”, ou ainda “de cor clara”. A sua caracterização é bastante diversificada: é dito como “escorregadio”, “liguento” ou que “no inverno fica liguento” e como “terra dura”, mas reconhecido como “boa para plantar cereais” e “para plantar com pouco inverno”. Um informante apenas disse ser “terra ruim” que “nem mato cresce”. Na sua composição identificaram como sendo “misturada com areia”. Note-se a associação que é feita entre os diferentes modos de descrever o terreno e as condições climáticas que determinam ora a qualificação de “liguento”, “escorregadio”, ora a de “terra dura”.

A essas informações podem ser agregadas as que se encontram em dicionários especializados na área de Geologia/Geomorfologia. Assim, em Teixeira Guerra⁴ vêm registradas as formas *salão*, *massapé* e *taguá* (forma também documentada por Ferreira), com as seguintes descrições:

“*salão* - denominação dada no Nordeste do Brasil aos solos salinos, tendo eflorescências de sais na superfície”.

“*taguá* - nome popular das argilas aluviais pretas ou cinzentas escuras da parte superior dos banhados e alagadiços. É geralmente camada superposta à tabatinga”.

“*massapé* - denominação popular para os solos argilosos. No Estado de São Paulo, são constituídos por solos oriundos da decomposição do granito. No Nordeste, são solos férteis nos quais o calcáreo concorre para a sua formação, sendo muito cultivados com os grandes canaviais. Na Bahia, *massapé* é o barro originado pela alteração dos folhelhos da bacia cretácea do Recôncavo”.

Outras fontes especializadas como Leinz & Leonardos⁵ limitam-se ao registro de apenas *massapé*. É interessante observar que Teixeira Guerra destaca nos três verbetes transcritos o caráter popular ou regional da forma em questão, revelando, assim, o aproveitamento da “ciência do povo” e promovendo a sua integração ao conhecimento cientificamente construído.

Reunindo os dados constantes de Ferreira e de Teixeira Guerra e confrontados com as caracterizações e descrições que fazem os nossos informantes rurais, vemos que novas informações foram acrescentadas. De um lado, observa-se que variantes - como *selão* e *toá* - não registradas nos dicionários constituem-se em formas de uso geral e perfeitamente vivas, pelo menos na área da Bahia e Sergipe. De outro, as caracterizações feitas e apresentadas por pessoas do mundo rural acrescentam ao conhecimento cristalizado nos compêndios dados subsidiários. Assim, no que diz respeito à descrição são apontadas cores e texturas, como as referências a “vermelho”, “preto”, “amarelo” ou “liguento”, “visguento”, “duro” para *selão/salão*.

Quanto à composição, citam, por exemplo, o ser “pedregoso” ou “pedrinha misturada com terra” ou ainda “pedra dura” para *tauá*. No que se refere aos usos, tem-se uma variada gama de indicações: “serve para tapar casa” e “fazer panela” (*selão*), “serve de tinta”, “serve para revestir forno de farinha (*tauá*)”, trata-se de terreno “bom para plantar cereais” ou “para plantar com pouco inverno” (*massapé*). A pormenorização a que chegam os informantes tanto na descrição/caracterização como nos usos apontados revela a integração do homem rural com a terra, em torno da qual giram a sua vida e o seu sustento.

Com estas rápidas considerações, em que ponho no mesmo patamar o saber vivido - o do homem do campo - e o saber construído - o do estudioso, pesquisador - quero salientar que a especialização do mundo moderno não pode prescindir das implicações de uns sobre outros ramos do saber, pois, a cada momento, um está a pedir auxílio a outro, a buscar nas ciências mais ou menos afins o amparo de que necessita para prosseguir na sua investigação. Se se procura, por um lado, o aprofundamento, por outro, este mesmo aprofundamento passa a requerer, para que de fato se efetive, o auxílio das demais ciências. A experiência parece demonstrar que a busca de integração com diferentes ramos do saber está na razão direta do aprofundamento que se pretende alcançar em determinadas especialidades. Especialização e abrangência, paradoxalmente, caminham juntas para que, na verdade, se possa dar curso à primeira. Com esse entendimento me permito uma afirmação final e conclusiva: não há limites estanques, intransponíveis que isolem e separem as ciências a ponto de tornar cada uma delas um campo restrito e fechado em si. E para isso me propus chamar a atenção quando dei a esta modesta colaboração o título “Onde Geologia e Dialectologia se encontram”, agora não mais obscuro nem provocativo!

NOTAS

1. ROSSI, N. (1963). Atlas Prévio dos Falares Baianos. Rio de Janeiro, MEC-INL.
2. FERREIRA, C., MOTA, J., FREITAS, J. et alii. (1987). Atlas Lingüístico de Sergipe. Salvador. UFBA/IL/FUNDESC.
3. FERREIRA, Aurélio B. de H. (1986). Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
4. GUERRA, Antônio Teixeira. (1972). Dicionário geológico-Geomorfológico. 4^a ed. Instituto Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro.
5. LEINZ, V. & LEONARDOS, O.H. (1977). Glossário Geológico. 2^a ed. corr. e aum. Ed. Nacional, São Paulo.